

Trabalhador coletivo no Livro I de *O capital**

SERGIO LESSA**

Ao redor da interpretação da expressão “trabalhador coletivo” no volume I de *O capital* se constituiu uma falsa questão que, para sermos breves, é a porta de entrada da maior parte das tradições políticas que procuram encontrar, em Marx, um argumento de autoridade para revogar o caráter proletário da sua proposta revolucionária.¹ De um lado, temos posições que se aproximam da de David Harvey, o qual, em um guia de leitura para *O capital* de Marx recém-publicado, afirma: “A dificuldade desse conceito é definir onde começa e termina o trabalhador coletivo. [...] É difícil de se alcançar uma definição exata, não parece haver uma solução exata – daqui a controvérsia” (Harvey, 2010, p.237-238).

* Este texto serviu de base para a comunicação sob título semelhante no VI Colóquio Marx e Engels, Cemarx/Unicamp, 2009. Fazia parte de *Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo* (Lessa, 2007). Necessidades editoriais, todavia, obrigaram a redução e a retirada de várias passagens do livro em questão. Uma delas é a análise das passagens do Livro I, em que comparecem as expressões *Gesamtarbeit/er/stag*, que foi substituída pela curta menção, na página 172, de uma citação de Marx, na qual o *Gesamtarbeiter* é identificado à classe trabalhadora (*Arbeiterklasse*). Sob a forma de um artigo, essa é a oportunidade de fornecermos ao leitor interessado o conteúdo não publicado. Nossos agradecimentos a Armando Boito pelas sugestões e correções.

** Professor do Departamento de Filosofia da Ufal e membro da editoria da revista *Crítica Marxista*.

1 Não é cabível substituir a realidade por um texto, mesmo que seja a obra-prima de Marx. O que será nosso objeto neste artigo é o pensamento de Marx enquanto tal – se ele é ou não útil para a crítica revolucionária do mundo em que vivemos, é uma outra questão. Estamos convencidos (não no sentido da fé, mas no sentido da convicção profunda que advém do exame dos impasses que vivemos enquanto humanidade) de que as categorias marxianas são não apenas imprescindíveis, mas também suficientes, para pensarmos a essência do mundo contemporâneo. Todavia, esse segundo aspecto não será tratado neste artigo. O leitor poderá encontrar essa discussão na parte III de *Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo* (Lessa, 2007).

Opiniões próximas à de Harvey – ou seja, o trabalhador coletivo seria algo impreciso e obscuro em *O capital* – parecem-me mais generalizadas oralmente do que por escrito e são muito frequentes.

Outros pesquisadores, como João Bernardo (1977) e Nagel (1979), para pegar representantes de tradições inteiramente distintas, contudo, postulam uma interpretação exatamente inversa: o “trabalhador coletivo” teria um conteúdo preciso, exato. Expressaria a fusão, em uma mesma classe social (em geral, a dos “trabalhadores”), dos trabalhadores intelectuais com os manuais (e, por vezes, também dos trabalhadores produtivos com os improdutivos). Tais pesquisadores se baseiam pesadamente (por vezes, exclusivamente) em poucas frases tiradas do contexto do segundo parágrafo do capítulo XIV (ou do equivalente da primeira edição francesa, a traduzida por Roy) de *O capital*.

Ainda que ao preço de repetirmos *Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo*, devemos lembrar que a tese de que os trabalhadores intelectuais e manuais fariam parte da mesma classe social é liminarmente desautorizada pela letra do texto do volume I de *O capital*. Um único exemplo de outros possíveis:

O que os trabalhadores parciais perdem concentra-se no capital com que se confrontam. É um produto da divisão manufatureira do trabalho *opor-lhes as forças intelectuais do processo material de produção como propriedade alheia (als fremdes Eigentum) e poder que os domina*. Esse processo de dissociação começa na cooperação simples, em que o capitalista representa, em face dos trabalhadores individuais, a unidade e a vontade do corpo social de trabalho. O processo desenvolve-se na manufatura, que mutila o trabalhador, convertendo-o em trabalhador parcial. Ele se completa na grande indústria, *que separa do trabalho a ciência como potência autônoma de produção e a força a servir ao capital*. [Nota de Marx: “O homem do saber e o trabalhador produtivo estão amplamente separados um do outro, e a ciência, em vez de nas mãos do trabalhador aumentar suas próprias forças produtivas para ele mesmo, colocou-se contra ele em quase toda parte. [...] O conhecimento torna-se um instrumento capaz de ser separado do trabalho e oposto a ele.” (Thompson, W. *An Inquiry into the Principles of the Distribution of Wealth*. Londres, 1824, p.274.)] Na manufatura, o enriquecimento do *trabalhador coletivo (Gesamtarbeiter)* e, portanto, do capital em força produtiva social é condicionado pelo empobrecimento do trabalhador em forças produtivas individuais (Marx, 1983, p.283-284; todos os grifos nas citações são nossos).

Sem a oposição das “forças intelectuais” como “propriedade alheia e poder que [...] domina” os operários, sem que a ciência seja separada do trabalho e a ele oposta como “potência autônoma de produção e a força a servir ao capital”, sem que a “ciência” coloque-se “contra o trabalhador” “em quase toda a parte”, não é possível a gênese e o desenvolvimento do trabalhador coletivo (*Gesamtarbeiter*).

Por isso, “o enriquecimento do trabalhador coletivo e, portanto, do capital em força produtiva social é condicionado pelo empobrecimento do trabalhador em forças produtivas individuais”.

De longe, a passagem mais importante do Livro I para o nosso tema, e a que tem sido com maior frequência citada, é o segundo parágrafo do capítulo XIV (para as edições e traduções que seguem a quarta edição alemã) ou os três primeiros parágrafos do capítulo XVI, para as edições que seguem a tradução para o francês de Roy (como a de Rubel). Na 4ª edição alemã, lemos:

Na medida em que o processo de trabalho é puramente individual, o mesmo trabalhador reúne todas as funções que mais tarde se separam. Na apropriação individual de objetos naturais para seus fins de vida, ele controla a si mesmo. *Mais tarde ele será controlado*. O homem isolado não pode atuar sobre a natureza sem a atuação de seus próprios músculos, sob o controle de seu próprio cérebro. Como no sistema natural cabeça e mão estão interligados, o processo de trabalho une o trabalho intelectual com o trabalho manual. *Mais tarde separam-se até se oporem como inimigos. O produto transforma-se, sobretudo, do produto direto do produtor individual em social, em produto comum de um trabalhador coletivo, isto é, de um pessoal combinado de trabalho, cujos membros se encontram mais perto ou mais longe da manipulação do objeto de trabalho*. Com o caráter cooperativo do próprio processo de trabalho amplia-se (*erweiter sich*), portanto, necessariamente o conceito de trabalho produtivo e de seu portador, do trabalhador produtivo. *Para trabalhar produtivamente, já não é necessário, agora, pôr pessoalmente a mão na obra; basta ser órgão do trabalhador coletivo, executando qualquer uma de suas subfunções. A determinação original, acima,² de trabalho produtivo, derivada da própria natureza da produção material, permanece sempre verdadeira para o trabalhador coletivo, considerado como totalidade (als Gesamtheit)*. Mas ela já não é válida para cada um de seus membros, tomados isoladamente (Marx, 1985, p.105).

Muito brevemente, a operação teórica típica envolvida na conversão de “trabalhador coletivo” em uma mesma classe que conteria os trabalhadores manuais e intelectuais é a seguinte:

1) esquece-se que a frase “O produto transforma-se [...] em produto comum de um trabalhador coletivo, isto é, de um pessoal combinado de trabalho, cujos membros se encontram mais perto ou mais longe da manipulação do objeto de trabalho”, é *imediatamente* precedida pela afirmação da contraposição “como inimigos” do trabalho intelectual e do manual.

2 Esse “acima” é uma referência ao parágrafo anterior, o qual, por sua vez, explicitamente remete ao capítulo V. Neste, o trabalho é definido como o intercâmbio material com a natureza, “eterna necessidade” da reprodução social (Marx, 1983, p.149-153).

2) esquece-se que a frase “Para trabalhar produtivamente, já não é necessário, agora, pôr pessoalmente a mão na obra; basta ser órgão do trabalhador coletivo, executando qualquer uma de suas subfunções” é *imediatamente* seguida pela afirmação:

A determinação original, acima,³ de trabalho produtivo, derivada da própria natureza da produção material, permanece sempre verdadeira para o trabalhador coletivo, considerado como totalidade (*als Gesamtheit*). Mas ela já não é válida para cada um de seus membros, tomados isoladamente.

Isto feito, a expressão *Gesamtarbeiter*, traduzida por “trabalhador coletivo”, por essa operação se converte em uma “categoria”: uma classe social que substituirá o proletariado como a classe revolucionária por excelência. Todavia, em sua completude, esse segundo parágrafo do capítulo XIV – mesmo isolado da totalidade do Livro I – relembra que há uma oposição de classe entre o trabalho intelectual e o manual (que, agora, “será controlado” pelo primeiro), que esta oposição é antagonica (“inimigos” ou “inimigos mortais”, se preferirmos a versão de Engels) e, ainda, que a totalidade do trabalhador coletivo a que Marx se refere nesta passagem cumpre a função social de transformar a natureza – o que significa trabalho manual pela “própria natureza da produção material”.⁴

Marx, com a expressão “mais perto ou mais longe do objeto de trabalho” e com a menção às “subfunções” do trabalhador coletivo, refere-se à crescente divisão do trabalho imposto pelo capital até o ponto em que uma série de auxiliares e ajudantes (mulheres e crianças, sempre trabalhadores não especializados) compareçam ao processo produtivo sem que, com suas mãos, transformem a natureza. São esses os trabalhadores que estão “mais longe” do “objeto de trabalho” – e não os trabalhadores intelectuais. Estes últimos são os “inimigos” de classe daqueles que, enquanto “totalidade”, “manipulam” a natureza.

Estamos argumentando que, em se tratando desses dois parágrafos do capítulo XIV, converter o trabalhador coletivo em uma classe de todos os assalariados é uma interpretação grosseiramente primária em seu equívoco (desconsiderar as frases que veem *imediatamente* antes ou depois das frases tão citadas). Tão grosseiro

3 Esse “acima” é uma referência ao parágrafo anterior, o qual, por sua vez, explicitamente remete ao capítulo V. Neste, o trabalho é definido como o intercâmbio material com a natureza, “eterna necessidade” da reprodução social (Marx 1983, p.149-153).

4 “[...] como o homem precisa de um pulmão para respirar, ele precisa de uma ‘criação da mão humana’ para consumir produtivamente forças da natureza” (Marx, 1985, p.17). O argumento de que na primeira tradução francesa – supervisionada por Marx –, a de Roy, a oposição “como inimigos” entre o trabalho manual e o intelectual não é mencionada não exime os autores, que se baseiam apenas nela, desconsiderando das outras passagens, em que Marx afirma a oposição de classe entre o trabalho intelectual e manual, que transcrevemos mais acima (por exemplo, Marx, 1983, p.282-283).

e tão primário é esse equívoco, que ele não pode nem deve ser tomado como um puro erro de interpretação, como problema decorrente das diversas traduções ou, ainda, como um equívoco puramente teórico – ainda que esses elementos possam se fazer aqui ou ali presentes. Tal equívoco tem raízes fora do texto, no predomínio da social-democracia e do stalinismo no movimento revolucionário mundial.

Vejam as outras passagens, nas quais as expressões *Gesamtarbeit/er/stag* aparecem no Livro I, para podermos analisar essa questão com mais elementos.

As acepções de *Gesamtarbeit*, *Gesamtarbeiter* e *Gesamtarbeitstag*

A expressão “trabalhador coletivo” comparece em quase todas, mas não em todas as traduções do Livro I de *O capital*.⁵ Sempre que aparece é como tradução de *Gesamtarbeiter* (ou como parte de expressões como *Gesamtarbeit*, ou *Gesamtarbeitstag*).

Todavia, *Gesamtarbeit*, *Gesamtarbeiter* ou *Gesamtarbeitstag* nem sempre são traduzidos por “trabalhador coletivo” (ou derivados). Não raramente são traduzidos por “trabalhador global”, “trabalho social total”, “jornada total de trabalho”, “trabalho total”, “tempo de trabalho social total”, “jornada global”, “trabalhador global” etc.⁶ E os tradutores de Marx e Engels, inclusive, foram forçados a traduções distintas porque o conteúdo da expressão *Gesamtarbeit* (e seus derivados) não é a mesma nas diferentes passagens. Portanto, os vários conteúdos que recebe essa mesma expressão em alemão comparecem nas traduções sob expressões diversificadas. Esse fato pode sugerir uma diversidade de “categorias” que não corresponde ao original.

No Livro I de *O capital*, *Gesamtarbeit*, *Gesamtarbeiter* ou *Gesamtarbeitstag* comparecem em dois contextos:

1) Em alguns momentos, são a consubstanciação da profundamente alienada divisão social do trabalho que amadureceu com a Revolução Industrial (Marx, 1983, p.260-261, 269, 272-273, 273, 275-276, 282-283; Marx, 1985, p.30-31, 71). Assim, por exemplo,

Embora muitos executem simultânea e conjuntamente o mesmo ou algo semelhante, o trabalho individual de cada um pode ainda assim representar, como parte do *trabalho global* (*Gesamtarbeiter*), diferentes fases do próprio processo de trabalho, as quais o objeto de trabalho percorre mais rapidamente em virtude

5 Por exemplo, não comparece na tradução de Rocés para a Fondo de Cultura Económica, nem na publicada pela Avante! (Portugal). Para este artigo, utilizamos as seguintes edições de *O capital*: para o alemão, Dietz Verlag (Marx, 1975); para o português, Abril Cultural (Marx, 1983 e 1985); para o espanhol, a edição de Rocés (Marx, 1946); para o francês, a tradução de Molitor (Marx, 1946), de Rubel (Marx, 1968) e a de Roy (Marx, 1977; 1978), e a única da 4ª edição alemã, a de Lefebvre (Marx, 1983a). Para a língua inglesa, a nova tradução de Fowles (Marx, 1990) e a editada por Engels (Marx, 1979). Ao final do artigo está uma tabela com as passagens na edição alemã e nessas traduções, em que comparecem *Gesamtarbeit/er/stag*.

6 Sobre as dificuldades da tradução de *Gesamt*, Lessa, 2007, p.149 nota 8.

da cooperação. Assim, por exemplo, quando pedreiros formam uma fila de mãos para levar tijolos do pé ao alto do andaime, cada um deles faz o mesmo, mas não obstante as operações individuais formam partes contínuas de uma operação global, fases específicas, que cada tijolo tem de percorrer no processo de trabalho, e pelas quais, digamos, as 24 mãos do *trabalhador coletivo* (*Gesamtarbeiter*) o transportam mais rapidamente do que as duas mãos de cada trabalhador individual que subisse e descesse o andaime (Marx, 1983, p.260).

Ou, então,

Descendo agora aos pormenores, é desde logo claro que um trabalhador, o qual executa a sua vida inteira uma única operação simples, transforma todo o seu corpo em órgão automático unilateral dessa operação e portanto necessita para ela menos tempo que o artífice, que executa alternadamente toda uma série de operações. O *trabalhador coletivo combinado* (*kombinierte Gesamtarbeiter*), que constitui o mecanismo vivo da manufatura, compõe-se, porém, apenas de tais trabalhadores parciais unilaterais (Marx, 1983, p.269).

E

A maquinaria específica do período manufatureiro permanece o próprio *trabalhador coletivo, combinação de muitos trabalhadores parciais* (*vielen teilarbeiten kombinierte Gesamtarbeiter*). As diferentes operações que são executadas alternadamente pelo produtor de uma mercadoria e que se entrelaçam no conjunto de seu processo de trabalho apresentam-lhe exigências diferentes. Numa ele tem de desenvolver mais força, em outra mais habilidade, numa terceira mais atenção mental etc., e o mesmo indivíduo não possui essas qualidades no mesmo grau. Depois da separação, autonomização e isolamento das diferentes operações, os trabalhadores são separados, classificados e agrupados segundo suas qualidades dominantes. Se suas peculiaridades naturais formam a base sobre a qual se monta a divisão do trabalho, a manufatura desenvolve, uma vez introduzida, forças de trabalho que por natureza só são aptas para funções específicas unilaterais. O *trabalhador coletivo* (*Gesamtarbeiter*) possui agora todas as propriedades produtivas no mesmo grau de virtuosidade e ao mesmo tempo as despende da maneira mais econômica, empregando todos os seus órgãos, individualizadas em trabalhadores ou grupos de trabalhadores determinados, exclusivamente, para suas funções específicas. A unilateralidade e mesmo a imperfeição do trabalhador parcial tornam-se sua perfeição como membro do *trabalhador coletivo* (*Gesamtarbeiter*). O hábito de exercer uma função unilateral transforma-o em seu órgão natural e de atuação segura, enquanto a conexão do mecanismo global o obriga a operar com a regularidade de um componente de máquina (Marx, 1983, p.275-276).

2) Outras vezes (Marx, 1983, p.71, 73, 96, 190, 249, 250, 258; Marx, 1985, p.118, 130), tais expressões se referem à totalidade da força de trabalho assalariado, ao conjunto total dos assalariados e, nesse caso, são traduzidas por “trabalho social total”, “trabalho total”, “tempo de trabalho social total”, “trabalhador coletivo ou classe trabalhadora”, “jornada de trabalho total”, “jornada de trabalho social média”, “jornada global” e “jornada de trabalho global”. Por exemplo, ao final do capítulo I, discutindo o fetichismo da mercadoria, Marx afirma que

Objetos de uso se tornam mercadorias apenas por serem produtos de trabalho privados, exercidos independentemente uns dos outros. O complexo desses trabalhos privados forma o *trabalho social total* (*gesellschaftliche Gesamtarbeit*) [...] Em outras palavras, os trabalhos privados só atuam, de fato, como membros do *trabalho social total* (*gesellschaftlichen Gesamtarbeit*) por meio das relações que a troca estabelece entre os produtos do trabalho e, por meio dos mesmos, entre os produtores (Marx, 1983, p.71).

Ou, mais à frente:

Como quer que seja, é claro que a jornada total de trabalho de um número relativamente grande de trabalhadores simultaneamente empregados, dividido pelo número de trabalhadores, é em si e para si uma *jornada de trabalho social média* (*Gesamtarbeitstag*). Suponhamos que a jornada de um trabalhador individual seja de 12 horas. Assim, uma jornada de trabalho de 12 trabalhadores simultaneamente ocupados constitui então uma *jornada global* (*Gesamtarbeitstag*) de 144 horas, e embora o trabalho de cada um dessa dúzia se desvie mais ou menos do trabalho social médio, o indivíduo podendo por isso precisar de mais ou menos tempo para a mesma operação, a jornada de trabalho de cada indivíduo, como 1/12 da *jornada global* (*Gesamtarbeitstag*) de 144 horas, possui a qualidade social média. Mas para o capitalista que emprega uma dúzia, existe a jornada de trabalho como *jornada de trabalho global* (*Gesamtarbeitstag*) da dúzia. A jornada de trabalho de cada indivíduo existe como parte alíquota da *jornada de trabalho global* (*Gesamtarbeitstag*), independentemente do fato dos 12 colaborarem entre si ou que toda a conexão entre seus trabalhos consista apenas em trabalharem para o mesmo capitalista. Se, ao contrário, dos 12 trabalhadores forem empregados dois de cada vez por um pequeno mestre, será uma casualidade que cada mestre produza a mesma massa de valor e, portanto, realize a taxa geral de mais-valia (Marx, 1983, p.258).

Em tais passagens, *Gesamtarbeit/er/stag* correspondem a características (determinações ontológicas) do trabalho abstrato em geral e, portanto, se referem ao que há de comum ao trabalho de todos os assalariados, sejam eles trabalhadores

manuais ou intelectuais, produtivos ou improditivos. É isso que possibilita a Marx afirmar que

O capitalista afirma seu direito como comprador, quando procura prolongar o mais possível a jornada de trabalho e transformar onde for possível uma jornada de trabalho em duas. Por outro lado, a natureza específica da mercadoria vendida implica um limite de seu consumo pelo comprador, e o trabalhador afirma seu direito como vendedor quando quer limitar a jornada de trabalho a determinada grandeza normal. Ocorre aqui, portanto, uma antinomia, direito contra direito, ambos apoiados na lei do intercâmbio de mercadorias. Entre direitos iguais decide a força. E assim a regulamentação da jornada de trabalho apresenta-se na história da produção capitalista como uma luta ao redor dos limites da jornada de trabalho – uma luta entre o *capitalista coletivo* (*Gesamtkapitalisten*), isto é, a classe dos capitalistas (*Klasse der Kapitalisten*), e o *trabalhador coletivo* (*Gesamtarbeiter*), ou a classe trabalhadora (*Arbeiterklasse*) (Marx, 1983, p.190).

Marx, nessas passagens, explora a contradição entre todos os assalariados e todos os capitalistas ao redor dos “limites da jornada de trabalho”. Trata-se daquilo que Lenin chamaria, depois, de luta econômica, e que não coloca em causa a exploração do homem pelo homem. Em nada alteraria se o trabalhador coletivo fosse aqui substituído por “trabalhador global”, por “conjunto total dos trabalhadores” e, ainda, “pela totalidade dos assalariados”. Lefebvre, por exemplo, na tradução francesa da 4ª edição alemã, optou por “trabalhador global” (Marx, 1983a, p.263).

Uma análise de todas as passagens em que as expressões *Gesamtarbeit*, *Gesamtarbeiter*, *Gesamtarbeitstag* comparecem no Livro I de *O capital* traria ainda mais elementos para demonstrar como possuem distintas acepções: como a totalidade dos assalariados, como o conjunto, o *quantum* da totalidade da força de trabalho e ainda como o conjunto de trabalhadores manuais que cooperam em um mesmo processo de transformação da natureza em meios de produção e de subsistência (como o exemplo acima, dos tijolos transportados pelos pedreiros, ou, ainda, a totalidade composta por apenas dois trabalhadores) (Marx, 1985, p.31-32). Na primeira acepção, as expressões estão principalmente presentes nos capítulos que discutem as determinações mais gerais do assalariamento e das alienações a ele associadas; na segunda acepção tendem a comparecer nos capítulos em que Marx discute as peculiaridades da divisão do trabalho no modo de produção capitalista.

No texto de Marx, portanto, *Gesamtarbeit* e seus derivados são empregados para expressar universalidades distintas – do conjunto formado por dois trabalhadores à totalidade dos assalariados. Não é algo confuso nem é preciso fazer uma enorme ginástica mental para conferir a ela o conteúdo unívoco que não possui. Se tivermos claro que “trabalhador coletivo” e “trabalhador global”, ou ainda, o “conjunto de trabalhadores”, são termos intercambiáveis praticamente em todos os casos; que a adoção de uma ou outra alternativa decorre em larga medida das

preferências do tradutor – e que expressam diversas universalidades de trabalhadores, a depender do objeto específico sob a análise de Marx –, boa parte, senão a maior parte das polêmicas, perde a razão de ser. Do ponto de vista estritamente exegético, nos parece uma falsa questão a contraposição entre interpretações que afirmam a confusão dessa categoria a outras interpretações que afirmam seu conteúdo unívoco (a reunião em uma mesma classe de todos os assalariados).

Se, do ponto de vista do texto de Marx enquanto tal, a solução de uma questão que se fez aparentemente tão complexa é, como aqui estamos sugerindo, bem mais simples do que a própria questão, por que o debate acerca dessas passagens tomou tal dimensão? Por que tais interpretações, claramente parciais do texto de Marx, tenderam a predominar? Por que essa falsa questão assumiu tal dimensão?

Os fundamentos históricos do problema

Como sempre ocorre com as questões teóricas decisivas, também essa, que envolve *Gesamtarbeit*, sofre fortes influências históricas. O pano de fundo de sua gênese é a hegemonia no movimento revolucionário internacional da social-democracia e do stalinismo.

As últimas décadas se caracterizam fundamentalmente pela convergência de duas poderosas tendências históricas. Por um lado, desde 1970, o sistema do capital entrou em sua crise estrutural. Sua incapacidade de conviver com a abundância vai se intensificando na mesma proporção em que o aumento incessante da produção nas novas condições da crise gera uma superprodução permanente, que não mais pode ser superada nem mesmo pelas crises cíclicas: a crise deixou de ser um fenômeno intermitente. Correspondentemente, todas as contradições sociais, sem exceção, intensificam-se em escala planetária.⁷

A crise estrutural, até agora, tem coincidido com o mais longo e o mais intenso período histórico sem revoluções, isto é, sem rupturas que abram a transição para o socialismo e o comunismo. Desde 1830, os ciclos de revolução e contrarrevolução se sucederam em períodos bem menos prolongados do que os atuais sessenta anos desde a Revolução Chinesa. As últimas crises revolucionárias na Europa foram a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e o levante grego do pós-guerra, massacrado pelas tropas inglesas com a aquiescência da URSS. As revoluções que vieram a seguir (Cuba, Argélia, as ex-colônias portuguesas e o Zimbábue em meados de 1970, seguidos pelos sandinistas e pela “Revolução” iraniana, isto é, a derrubada do ditador Reza Pahlevi e sua substituição pelo aiatolá Khomeini e, já na virada do século XXI, a crise e o levante da população na Argentina etc.)

⁷ István Mészáros, em *Para além do capital*, realizou a primeira investigação de fôlego acerca da totalidade da crise do sistema do capital após 1970 (totalidade composta pelos países capitalistas e pelas sociedades pós-revolucionárias, das quais a soviética é a paradigmática). Nessa análise argumenta as diferenças históricas – ontológicas – entre as crises anteriores e a atual crise estrutural em que estamos imersos. Não podemos, aqui, nos deter sobre tais argumentos, mas é imprescindível que lavremos nossa dívida para com esse pensador.

estão muito longe de crises revolucionárias no sentido preciso do termo, isto é, de abrirem o processo de transição para o socialismo e o comunismo.⁸

As primeiras décadas da crise estrutural, é bem mais fácil se perceber *post festum*, pegaram a classe operária em particular, e os trabalhadores em geral, em uma situação politicamente difícil. Por um lado, o neoliberalismo significa a derrota histórica da estratégia institucional-eleitoral social-democrata baseada na concepção segundo a qual o “capitalismo de face humana” seria a democracia burguesa levada às últimas consequências. Por outro lado, nos anos de 1989-1992, a outra vertente mais importante do movimento operário, a stalinista, também conheceu uma derrota histórica. Na década de 1920, os bolcheviques, premidos pelas circunstâncias históricas, concentraram o poder do Estado em suas mãos, impondo um rigoroso centralismo político e convertendo os sindicatos em correntes de transmissão do Estado para controle dos trabalhadores. Avaliavam que, a partir do poder político, controlar-se-ia o renascimento inevitável (com o isolamento da revolução a um só e muito atrasado país) das relações de produção capitalistas. Tal estratégia, repetimos, também foi derrotada.

As duas vertentes estavam equivocadas no fundamental. Como é o trabalho que funda o ser social, o trabalho proletário que funda a sociedade capitalista faz com que a “face humana” do capital apregoadada pela social-democracia seja mera fantasia. Também não possibilita um “Estado proletário” fundado na exploração do trabalho proletário – apenas o capital pode expropriar o trabalho proletário.⁹ Mais cedo ou mais tarde, as duas ilusões tinham de prestar contas à história: o Estado de bem-estar social se converteu, sem solução de continuidade, no Estado neoliberal. Os partidos que foram seus principais artífices e defensores, após um curto período de aclimatação, como bons serviçais do capital que sempre foram, cumpriram a segunda rodada de implementação da “nova ordem mundial” (Ronald Reagan). E o “Estado proletário” das ilusões soviéticas se converteu, por dentro, como uma borboleta que se metamorfosearia em lagarta, em um Estado capitalista típico, cuja peculiaridade é a função importante na acumulação do capital que ainda cumpre a velha burocracia russa, agora também organizada em máfias.

Os social-democratas queriam democratizar a democracia por meio de reformas parciais que, levadas ao limite, diziam, conduziriam à “face humana” do capitalismo e, deste, ao socialismo. Nada, portanto, da destruição do Estado; antes, a tomada do poder “por dentro” do Estado. A social-democracia se especializa em negociar por dentro das instituições burguesas e sua atuação política se pauta pelos limites da ordem.

Os stalinistas queriam a sobrevivência do Estado soviético. Para tanto era preciso, no *front* interno, convencer seus operários de que não eram explorados pela burocracia (dos locais de trabalho, do Partido e sindicatos e do Estado).

8 Uma visão oposta pode ser encontrada em Arcary (2004).

9 Para sermos mais do que breves, porque a propriedade privada que pode ser produzida pelo trabalho proletário é apenas e tão somente o capital.

Trabalhadores e burocratas seriam igualmente revolucionários, pois todos eram igualmente assalariados do Estado proletário. Todos os assalariados – e todos eram assalariados – pertenceriam à mesma classe social. E, no *front* externo, era preciso articular um modo de convivência com as potências capitalistas¹⁰ – o que se traduzia em conter as lutas dos trabalhadores e operários nos limites aceitáveis à convivência pacífica, negociada, com as suas burguesias nacionais.

Convivência negociada, e não mais confronto, passa a ser a ordem geral. A estratégia do movimento operário sob controle dos partidos comunistas ou dos social-democratas é a colaboração de classe. A abolição da propriedade privada está fora da ordem do dia.

A história tem lá sua ironia. As experiências históricas que, a se acreditar no que diziam de si próprias, seriam as superações do projeto revolucionário de Marx (o “socialismo democrático” e o “socialismo real”), revelaram-se nada mais que mediações para a generalização da crise estrutural do capital a todo o planeta.

Graças também aos ganhos econômicos, principalmente da aristocracia operária nos países ocidentais¹¹ e à melhoria das condições de vida do povo soviético, as ideologias social-democrata e stalinista lançaram sólidas bases. Com a consequência trágica de que, quando a crise estrutural se iniciou, os trabalhadores soviéticos e dos países capitalistas, aos bilhões, estavam equivocadamente convencidos de que, de fato, a negociação com os representantes do capital – e não a luta contra a propriedade privada – era o caminho da revolução (e esta se limitaria à conquista de melhores condições de venda de suas forças de trabalho).

Foi assim que, tanto nas organizações social-democratas quanto stalinistas, foi se afirmando com o tempo a mesma necessidade teórica e ideológica: tornar o socialismo compatível com a expropriação do trabalho proletário. Ainda que por vias e por mediações ideológicas distintas as duas ordens do capital, a soviética e a ocidental, compartilhassem da mesma necessidade ideológica de fundo: desarmar ideológica e politicamente os proletários convencendo-os de que o socialismo se realiza pelas melhorias, promovidas pelo Estado, nas condições de venda da força de trabalho. Seja pela via do Estado de bem-estar social, seja pela via do Estado soviético. Agora, o socialismo passa a ser o capitalismo de “face humana” da Suécia ou o stalinismo do “socialismo real”. O socialismo se degenerou naquilo que convinha à ordem soviética e aos social-democratas: tornou inteiramente distinto da – como diziam – “utopia” de Marx e Engels, que propunham o fim do Estado e do mercado, das classes sociais, da família monogâmica e da propriedade privada.

10 A atuação do PC francês em 1936, quando ajuda a controlar a enorme onda grevista, já é sinal do predomínio dessa política. A análise histórica dessa evolução política é exposta em detalhes por Claudin, em seu importantíssimo *A crise do movimento comunista* (Claudin, 1970). Ver também Broué (2007) e Miliband (1969, p.102-106). As ilusões nessa convivência e o peso que tiveram naquela quadra histórica podem também ser avaliados pela adesão entusiasta a essa proposta por pensadores como Lukács e Deustscher (1960). Por muito do movimento comunista alinhado com a URSS, as loas públicas da superação da luta de classes e sua substituição pela força do exemplo na transição do capitalismo ao socialismo são patéticas.

11 Ver a descrição das condições de vida dos metalúrgicos alemães no pós-guerra em Kuczynski (1969).

É esse “espírito do tempo” que alimenta, ainda hoje, a falsa polêmica acerca do trabalhador coletivo. A todos interessava argumentar que, em Marx, todos os assalariados eram igualmente portadores do projeto revolucionário. É nesse “espírito do tempo” que frutificam as teses acerca do fim do proletariado. Elas partem de uma constatação verdadeira (a ausência, já por décadas, da classe operária como antagonista do capital) e deduzem algo inteiramente falso: que o desenvolvimento tecnológico e/ou a alteração no padrão de consumo teriam eliminado o trabalho manual e, com ele, o proletariado (Lessa, 2007, p.252 et seq.). De uma constatação que não explicam (o proletariado hoje não comparece na vida cotidiana como classe revolucionária) rapidamente concluem pela necessidade de um “novo sujeito histórico” e de uma “nova revolução”.

E é nesse ambiente ideológico que a expressão *Gesamtarbeit* (e derivados) passa a ser interpretada ou como algo confuso ou como um significado único e fixo: a fusão em uma mesma classe, a dos “trabalhadores”, do trabalho manual e do intelectual e, por vezes, também do trabalho produtivo e improdutivo.

Tanto em uma linha de interpretação quanto na outra – nem sempre pelas mesmas mediações teóricas, é verdade –, a distinção entre proletariado e trabalhadores assalariados é eludida por essa operação, o que também significa que é eludida a distinção entre o trabalho que realiza o intercâmbio material com a natureza e o trabalho assalariado (a força de trabalho convertida em mercadoria, força de trabalho essa que pode ou não transformar a natureza nos meios de produção ou de subsistência). A peculiaridade ontológica do trabalho, que o faz fundante do ser social, é cancelada por esse processo de identificação de todo assalariamento ao trabalho – ou, se quiserem dizer o mesmo com outras palavras, pela identificação do trabalho ao trabalho abstrato. Sabemos, depois de Marx, que a relação entre o trabalho e o trabalho abstrato não é de identidade, mas de alienação. Nessa esfera, nenhuma identidade é possível. O trabalho é a “condição natural eterna” da vida humana, o trabalho abstrato é uma peculiaridade da sociedade capitalista (a desconsiderar suas formas antediluvianas).

Nas traduções de *O capital*, ao longo do século XX, esse novo conteúdo que vai sendo imputado às expressões *Gesamtarbeit* e *Gesamtarbeiter* cobra seu preço. Os casos mais conhecidos são o da tradução de Wenceslau Rocés para o espanhol (Fondo de Cultura Económica) e o da edição portuguesa da Avante!¹² Elas possuem erros comprometedores – e, no que diz respeito ao nosso tema, equivocadamente traduzem *Arbeiter* por “obreiro” e “operário”, respectivamente. Isso sugere inconsistências em Marx como, por exemplo, a presença de “obreiros” ou “operários” nos modos de produção pré-capitalistas.¹³ Toda uma geração de brasileiros que

12 Outras obras de Marx e Engels, editadas pela Avante Editorial, que temos tido a oportunidade de examinar (*A questão judaica*, a parte I de *A ideologia alemã* e os *Manuscritos de 1844*), são de excelente qualidade e fidelidade ao texto original. É uma pena que o mesmo não tenha se dado com *O capital*.

13 A melhor avaliação que conhecemos das diversas traduções do Livro I – com críticas severas à tradução de Rocés – é a “Advertencia del traductor” da edição da Siglo XXI, a cargo de Pedro Scaron.

se apoiou na tradução de Roces acabou por crer nas teses que pululam desde as décadas de 1950-1960¹⁴, segundo as quais a concepção das classes sociais em *O capital*, principalmente a categoria proletariado, seria inconsistente. Apenas com base nas traduções do Fondo de Cultura Económica e da Avante Editorial, sem o confronto com o original, surpreendente seria o contrário.

Por que Marx utilizou as expressões *Gesamtarbeit/er/stag* com conteúdos tão diversos?

Como argumentamos em outro texto (Lessa, 2007, em especial na parte II), para Marx, tal como o trabalho primitivo funda o modo de produção primitivo, o trabalho escravo funda o modo de produção escravista, o trabalho do servo funda o feudalismo e, por fim, o proletariado funda o modo de produção capitalista. Isso é apenas outra forma de dizer que o trabalho, o intercâmbio material com a natureza (Marx, 1983, p.149-150), é o fundamento ontológico do ser social. Diferentemente das formas pré-capitalistas de produção, nas quais o trabalho assalariado raramente penetrou no intercâmbio com a natureza, no capitalismo desenvolvido o assalariamento se generalizou e não há mais, nesse particular, diferenças entre o proletariado que cumpre a função fundante e os outros assalariados que cumprem outras e variadas funções. A universalização do capital requereu e possibilitou também a generalização do assalariamento. Agora, todos os assalariados são explorados pela burguesia porque, quanto menos o montante da riqueza for convertido em salários, maior a lucratividade do sistema do capital. Há, portanto, um conflito generalizado ao redor do valor dos salários: uma luta cujo máximo limite histórico é a conversão de todos em proprietários privados – isto é, uma luta a qual, mesmo que levada ao seu limite máximo imaginável, não é capaz de superar a propriedade privada, apenas distribuí-la menos desigualmente.

Ainda que isso não seja falso, está longe de ser toda a realidade, pois o trabalho que converte a natureza em meios de produção e de subsistência gera um produto que subsiste ao próprio ato de sua produção, de tal modo que ao final do processo de trabalho, a riqueza total da sociedade (Marx diria o “capital social total”) foi acrescida pelo tempo de trabalho plasmado nos meios de produção e subsistência que saíram das mãos do proletário. O mesmo não ocorre com a produção de qualquer outro assalariado: seja professor no Estado, seja engenheiro de uma empresa privada, seja um comerciante ou bancário. Em todos esses casos, o que produzem é consumido no próprio ato da produção, de tal modo que, ao final do processo de trabalho, não há nenhuma nova riqueza – permanece apenas aquela que já havia sido produzida anteriormente pelo proletariado.

Por isso, o trabalho proletário é fundante do modo de produção capitalista: não há qualquer riqueza na sociedade que não tenha sua origem – com todas as

Esta é também, tanto quanto sabemos, a única edição que, seguindo a 4ª edição alemã, faz uma comparação com as três edições anteriores. Infelizmente tivemos acesso a essa tradução depois que a pesquisa já estava concluída.

14 Por exemplo, Gurvitch (s/d).

mediações – no trabalho manual, que transforma a natureza em meios de produção e de subsistência.¹⁵ O que, para sermos mais do que breves, significa que todos os assalariados não proletários vivem da riqueza produzida pelo proletariado. E isso, sendo se possível ainda mais breve, não cancela, apenas insere em seu devido contexto a contradição entre o conjunto dos assalariados e a burguesia ao redor do valor dos salários.

Outra diferenciação entre os assalariados torna a relação destes com a burguesia muito mais complexa do que no passado pré-capitalista: o fato de o capital ser uma forma de propriedade privada que também pode se valorizar pela concentração da riqueza, que já existe sob a forma de dinheiro em posse das pessoas, faz que os capitalistas possam se enriquecer também pela exploração de trabalhadores que não são proletários. A burguesia logo se deu conta de que uma parte dos salários não lhe dá lucros, são parte dos custos de seu negócio. Outros salários, ao contrário, dão lucros. Quanto menos contadores e vigilantes e quanto mais sapateiros, por exemplo, um capitalista puder contratar, maior será a lucratividade. Marx, fazendo a crítica da economia política, precisou do que se tratava: o trabalho produtivo de mais-valia se distingue daquele que não produz mais-valia. O trabalho produtivo e o improdutivo são, portanto, em Marx, variações do trabalho assalariado, do trabalho abstrato.

No terceiro parágrafo do capítulo XIV, o exemplo de Marx de um trabalhador produtivo que não realiza o intercâmbio material com a natureza é o professor da escola privada. A mercadoria que ele produz (horas-aula) é vendida aos pais dos alunos por um valor maior do que o salário dos professores. A exploração desse trabalhador, portanto, é mediada pela mais-valia. Contudo, o que os pais dos alunos pagam ao dono da escola é idêntico ao valor dos salários somado aos custos da escola e à mais-valia expropriada pelo burguês. O capital social total não se acresceu de um átomo sequer; em outras palavras, essa mais-valia produzida pelo professor requer que a riqueza produzida pelo proletariado já tenha se esparramado pela sociedade (o que não quer dizer que tenha sido distribuída equitativamente).

Uma vez mais fazendo curta uma longa história – e novamente remetendo o leitor interessado ao nosso texto já mencionado –, o trabalho produtivo não é determinante das classes sociais. Ele está presente em funções muito distintas (transformar a natureza ou prestar serviços, como o professor) na reprodução da sociedade e, também – pois aqui não há identidade –, do capital. Tanto o proletário quanto o professor na escola privada são produtivos de mais-valia; contudo, apenas o primeiro produz o “conteúdo material da riqueza social” (Marx, 1983, p.46), o professor na escola privada “valoriza” o capital, o proletário da cidade e do campo “produz e valoriza” o capital.

15 Proletários são os assalariados que convertem a natureza em meios de produção e de subsistência, produzindo o “conteúdo material da riqueza social” (Marx, 1983, p.46) e, portanto, que não apenas valorizam, mas, também, produzem o capital. “Por proletário só se deve entender economicamente o assalariado que produz e valoriza o capital...” (Marx, 1985, p.188, n.70).

Nessa medida e sentido, como assalariados, os proletários compartilhariam com os demais vendedores da força de trabalho todas as mazelas peculiares ao trabalho abstrato – menos uma: é a única classe que não se reproduz pela exploração de qualquer outra. Os assalariados não proletários, por sua vez, compartilhariam com a burguesia o fato de se reproduzirem socialmente parasitando o proletariado. Por isso, entre o proletariado e a burguesia temos uma contradição antagônica envolvendo o próprio assalariamento. O que, já mencionamos, não cancela o fato de que, ao lado desse antagonismo entre a burguesia e os assalariados não proletários, se desdobra uma contradição centrada na divisão da riqueza expropriada do proletariado ao redor dos “limites da jornada de trabalho”. O proletariado é, para Marx, o sujeito revolucionário por excelência, por ser a única classe que não tem por fundamento a exploração de nenhuma outra.¹⁶

É aqui que o terreno pantanoso vai ser constituído: na polêmica, os que desejam postular que, para Marx, todos os assalariados seriam igualmente revolucionários, “esquecem-se” das passagens em que a oposição como “inimigos” de classe do trabalho manual ao trabalho intelectual é afirmada e reafirmada; consideram apenas as passagens em que *Gesamtarbeit/er/stag* expressam a totalidade dos assalariados. E, na medida em que as interpretações não raramente desconsideram o original alemão, são alvos mais fáceis de um certo espírito do tempo que foi se constituindo ao longo do século XX: ser proletário e ser assalariado vão se aproximando até serem sinônimos – como se a luta ao redor dos “limites da jornada de trabalho” e a luta pelo fim da exploração do homem pelo homem pudessem ser equivalentes.

Todas as variantes dessas duas linhas de interpretação (a que afirma a imprecisão e a outra, que afirma a precisão de trabalhador coletivo) são muito problemáticas. Todas elas, sempre, precisam selecionar algumas e desconsiderar outras passagens do Livro I; não dão conta de integrar em uma interpretação coerente a totalidade das passagens em que Marx trata do trabalhador coletivo. Outras vezes conferem, a passagens escolhidas dos vários manuscritos de Marx, a mesma importância que atribuem ao seu texto acabado, gerando graves problemas de interpretação.¹⁷ E todas elas precisam se basear em uma ou outra tradução – desconsiderando o original alemão.

Tanto quanto consigo entender, essa variação no conteúdo das expressões *Gesamtarbeit*, *Gesamtarbeiter*, *Gesamtarbeitstag* não era problemática para Marx porque, para ele, seria inconcebível fundir ou imbricar em uma mesma classe social todos os assalariados. Foi a evolução do stalinismo e da social-democracia que gerou uma forte necessidade ideológica de cancelar a peculiaridade de classe do proletariado fundindo, ou imbricando, o trabalhador manual ao intelectual. Nada, todavia, no texto de Marx, indica ser o “trabalhador coletivo” a expressão

16 O que não quer dizer que o proletariado possa ser vitorioso em sua revolução sem que conquiste para ela setores muito significativos dos assalariados não proletários, mas não temos espaço aqui para discorrer sobre esse aspecto do problema.

17 Cf. “Prefácio” em Lessa (2007).

da dissolução do proletariado entre os assalariados. A, portanto, tão frequente recorrência ao argumento de autoridade segundo o qual Marx teria concebido o “trabalhador coletivo” como superador da distinção entre o proletariado e os demais assalariados – ou como uma categoria confusa que torna imprecisas as determinações de classe do proletariado – não passa de um equívoco com um endereço ideológico preciso: retirar da proposta marxiana da revolução comunista o seu sujeito, o proletariado. Com todas as consequências, por demais conhecidas.

Referências bibliográficas

- ARCARY, V. *As esquinas perigosas da história*. São Paulo: Xamã, 2004.
- BELLEVILLE, P. *Une Nouvelle Classe Ouvrière*. Paris: Rene Julliard, 1963.
- BERNARDO, J. *Marx crítico de Marx*. Porto: Afrontamento, v.I 1997a, v.II 1997b, v.III 1977c.
- BROUÉ, P. *A história da Internacional Comunista*. Sundermann, 2007.
- CLAUDIN, F. *La crisis del movimiento comunista*. Paris: Ruedo Ibérico, 1970.
- DEUTSCHER, I. *The Great Contest*. Oxford University Press, 1960.
- GURVITCH, G. *El concepto de clases sociales de Marx a nuestros dias*. Buenos Aires: Nueva Vision.
- HARVEY, D. *A companion to Marx's Capital*. Londres/Nova York: Verso, 2010.
- HIRATA, H. *Nova divisão social do trabalho?*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- KUCZYNSKI, J. Karl Marx et la analyse scientifique de la condition des travailleurs. In: *Marx and Contemporary Cientific Thought*. International Council for Philosophy and Humanistic Studies, Ed. Mouton, Paris e Haia, 1969.
- LESSA, S. *Mundo dos homens*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- _____. *Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo*. São Paulo: Cortez, 2007.
- MALLET, S. *La nouvelle classe ouvrière*. Paris: Éditions du Seuil, 1963.
- MARX, K. *Le capital*. Trad. J. Molitor. Tome I-IV. Paris: Alfred Costes, 1946.
- _____. *El capital*. Trad. Wenceslau Rocés. Cidade do México (DF): Fondo de Cultura Económica, 1946a.
- _____. *Ouvres – economie II*. Edição de Maxmilien Rubel. Paris: Bibliothèque de la Pléiade/Galimard, 1968.
- _____. *Das Kapital*. Berlin: Ester Band, Dietz, 1975.
- _____. *Le capital*. Paris: Éditions Sociales. Tome I, 1978; Tome II, 1977.
- _____. *Le capital*. Primeira tradução para o francês. Éditions Sociale, Paris, 1977a, tomo I e 1977b, II.
- _____. *Salário, preço e lucro*. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- _____. *Capital*. v.I. Nova York: International Publishers, 1979.
- _____. *O capital*. v.I. Ed. Abril Cultural, São Paulo, 1983, Tomo I, 1985, Tomo II.
- _____. *Le capital*. Tradução francesa da 4ª edição alemã. A cargo de J.-P. Lefbvre. Mes-sidor. Paris: Éditions Sociales, 1983a.
- _____. *Capital*. Trad. Ben Fowkes. Londres: Penguin Classics, 1990.
- MILIBAND, R. *The State in Capitalist Society: An Analisis of Western System of Power*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1969.
- NAGEL, J. *Trabalho colectivo e trabalho improdutivo na evolução do pensamento marxista*. Lisboa: Prelo, 1979.

Gesamtarbeit e derivados em O capital									
	Marx, 1975	Marx, 1979	Marx, 1990	Marx, 1968	Marx, 1946	Marx, 1983a	Marx, 1983, 1985	Marx, 1977-8	Marx, 1946a
#1	Verhältnis der Produzenten zur Gesamtarbeit (86)	The relation of the producers to the sum total of their own labour (72)	The sum total of labour (165)	Anotando que falta uma frase do alemão na trad. de Roy, traduz assim, na p.606/ nota 1 (p.1639): le rapport social de producteurs au travail collectif comme un rapport social qui existe em dehors d'eux	Le rapport social qui lie les producteurs au travail total (Tome I:56)	Du rapport social des producteurs au travail global (82)	também reflete a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social existente fora deles, entre objetos (I:71)	Les rapports des producteurs, dans lesquels s'affirment les caractères sociaux de leurs travaux, acquièrent la forme d'un rapport social des produits du travail (I:84-5)	Trabajo colectivo (37)
#2	Der Komplex dieser privatarbeiten bildet die gesellschaftliche Gesamtarbeit /.../ gesellschaftlichen Gesamtarbeit (87)	The sum total of the labour of all the private individuals forms the aggregate labour of society /.../ as part of the labour of society (73)	The aggregate labour of society (165) – ver segundo	L'ensemble de ces travaux privés forme le travail social (606) / divisions du travail social (607)	L'ensemble de ces travaux privés forme le travail social (Tome I:57)/ de l'ensemble du travail social (Tome I:57)	Travail social global/ travail social global (83)	O complexo desses trabalhos privados forma o <i>trabalho social total</i> . [...] Em outras palavras, os trabalhos privados só atuam, de fato, como membros do <i>trabalho social total</i> por meio das relações que a troca estabelece entre os produtos do trabalho e, por meio dos mesmos, entre os produtores (I:71)	L'ensemble de ces travaux privés [...] forme le travail social. /.../ travail social (I:85)	Trabajador colectivo de la sociedad (38) – ver segundo

Continua

#3	Marx, 1975 Glieder der Gesamtarbeit/ gemeinsamen Charakter (87-8)	Marx, 1979 As part and parcel of the collective labour of all / their common denomina- tor (73)	Marx, 1990 An element of the total labour (166)	Marx, 1968 Comme parties intégrantes du travail général/ a leur caractère commun (607)	Marx, 1946 Comme chaînes du travail total/ caractère commun (Tome I:58)	Marx, 1983a Comme branches du travail global/ a leur caractère commun (84)	Marx, 1983, 1985 Trabalho total/ caráter comum (1:72)	Marx, 1977-8 Travail général/ a leur caractère commun (1:85-6)	Marx, 1946a Dentro del trabajo colectivo de la sociedade (39)
#4	Gesellschaftliche Gesamtarbeit (90)	Collective labour of the society (76)	The collective labour of the society (168)	L'ensemble du travail social (610)	Travail social total (Tome I:62)	Travail social global (87)	equivalente geral, a relação dos seus trabalhos privados com o <i>trabalho social total</i> (1:73)		Trabajo social colectivo (41)
#5	Gesamtarbeitzeit (122)	Of the total labour of the community (107)	Of the total social labour-time (202)	Trop grand partie du travail social (646)	Trop grand partie du travail social (Tome I:105)	Trop grand partie du travail social (122)	isso comprova que foi despendida parte excessiva do <i>tempo de trabalho social total</i> em forma de tecelagem de linho (1:96)	Travail social (1:116)	Del tiempo total de trabajo de la sociedad (68)
#6	Gesamtkapitalisten/ Klasse der Kapitalisten Gesamtarbeiter/ Arbeiterklasse (249)	Collective capital / the class of capitalists/ collective labour/ the working class (235)	Collective capital / the class of capitalists/ collective labour/ the working class (344)	Le capitaliste, c'est-à-dire la classe capitaliste et le travailleur, c'est- à-dire la classe ouvrière (791)	Le capitaliste total, c'est-à- dire la classe capitaliste, et l'ouvrier total, c'est-à-dire, la classe ouvrière (TomeII:84)	Le capitaliste global, c'est-à-dire la classe des capitalistes, et le travailleur global, ou la classe ouvrière (262)	Capitalista coletivo/ classe dos capitalistas/ trabalhador coletivo/ classe trabalhadora (1:190)	Le capitalistes, c'est-à-dire La classe capitaliste et le travailleur, c'est-à-dire la classe ouvrière (1:231)	El capitalista universal/ la classe capitalista/ obrero c'est-à-dire la classe obrera (180)

Continua

#7	Marx, 1975 Gesamtarbeitstag (331)	Marx, 1979 Total working day (312)	Marx, 1990 Total working day (429)	Marx, 1968 La journée entière (849)	Marx, 1946 La journée total (Tome II: 168)	Marx, 1983a La journée globale de travail (352)	Marx, 1983, 1985 A jornada de trabalho total (I:249)	Marx, 1977-8 Le journée entière (II:7)	Marx, 1946a La jornada de trabajo total (250)
#8	Gesamtarbeitstag (332-3)	Total working day (313)	Total working day (430)	La journée entière (850)	Journée totale (Tome II:197)	Du temps de travail globale (353)	A grandeza do mais-trabalho obtem-se, porém, subtraindo da <i>jornada de trabalho total</i> o tempo de trabalho necessário (I:250)	Le journée entière (II:8)	La jornada total (251)
#9	Gesamtarbeitstag(s) – 5 vezes no mesmo parágrafo (341-2)	Collective working day/ collective working day/ collective working day/the working day is that of the whole dozen/ collective working day / (323)	Collective working day/ collective working day/ collective working day/the working day is that of the whole dozen/ collective working day (440-1)	journée de travail social/ journée collectif/journée collectif/ (861)	Journée totale/ journée de travail social moyen/journée total/journée totale/ journée totale/ (211)	Journée de travail globale/ journée de travail globale/ journée de travail globale/ journée de travail globale/ journée de travail globale/ (365)	Jornada total de trabalho/jornada global/jornada global/jornada de trabalho global/jornada de trabalho global (I:258)	Une journée de travail social/não tem a segunda/ journée collective/ journée collective (II:16-17)	Jornada total de trabajo/ jornada total/ jornada total de trabajo/ jornada total de los 12 obreros empleados/ jornada total (260)

Continua

#10	Marx, 1975 Gesamtarbeiters/ der kombinierte Arbeiter oder Gesamtarbeiter/ gemeinsamer Arbeit (346)	Marx, 1979 Collective labour/24 hands of the row of men/ collective working day / labour in common (327)	Marx, 1990 Collective labour/24 hands of the row of men/ collective working day (444-5)	Marx, 1968 Travail collectif/ travailleur collectif/ travailleur collectif/ (865)	Marx, 1946 Travail total/ ouvrier total/ ouvrier collectif ou l'ouvrier total (tomo II:26-7)	Marx, 1983a Travail global/ travailleur global/ journée de travail combinée/ travailleur combinée ou travailleur global (368)	Marx, 1983, 1985 Trabalhador global/ trabalhador coletivo/ trabalhador combinado/ trabalhador coletivo/ trabalhador coletivo (I:260-1)	Marx, 1977-8 Force commune / travail collectif / não tem trabalhador combinado, apenas o travailleur collectif (II:19-20)	Marx, 1946a Trabajo colectivo/ una jornada combinada de trabajo de 144 horas/ el obrero combinado o el trabajador colectivo (263)
#11	Kombinierte Gesamtarbeiter (359)	Collective labourer (339)	Collective worker (458)	Travailleur collectif (879)	l'ouvrier collectif (Tome II:233)	Travailleur global combiné (381)	Trabalhador coletivo combinado, que constitui o mecanismo vivo da manufatura (I:269)	Le mécanisme vivant de la manufacture, le travailleur collectif (Tome II:30)	El obrero total (274)
#12	Detailarbeiten kombinierte Gesamtarbeiter (365)	The collective labourer (344)	Collective worker (464)	Le travailleur collectif (885)	L'ouvrier collectif, composé de tous les ouvriers de détail (Tome II:241)	Le travailleur global, constitué par la combinaison des travailleurs de détail (387)	O trabalhador coletivo, formado pela combinação de trabalhadores detalhistas (I:272)	Le travailleur collectif (II:35)	El obrero colectivo, formado or la combinación de obrero detalistas (279)
#13	Gesellschaftlichen Gesamtarbeiters (366)	Social collective labourer (346)	Society's collective worker (465)	Travailleur collectif (886)	L'ouvrier collectif social (Tome II:243)	Travailleur social global (389)	Trabalhador coletivo social (273)	Le travailleur collectif (II:35)	Obrero colectivo total (281)

Continua

# 14	Marx, 1975 Vielen teilarbeiten kombinierte Gesamtarbeiter/ Gesamtarbeiter/ Gesamtarbeiters (369-70)	Marx, 1979 The col- lective labourer, formed by the combi- nation of a number of detail labourers/ collective labourer/ collective labourer (348-9)	Marx, 1990 The collective worker, formed out of the combination of a number of individual specialized workers/ collective workers/ worker (468-9)	Marx, 1968 Travailleur collectif, formé par la combinaison d'un grand nombre d'ouvriers parcelaires/ travailleurs/ travailleur collectif (890)	Marx, 1946 l'ouvrier collectif lui- même, composé de beaucoup d'ouvriers parcelaires/ ouvrier collectif (Tome II: 247)	Marx, 1983a Le travailleur globale lui-même, constitué par la combinaison d'un grand nombre de travailleurs pariels/ travailleur global/ travailleur global/ (392)	Marx, 1983, 1985 Trabalhador coletivo, combinação de muitos trabalhadores parciais / trabalhador coletivo/ trabalhador coletivo (1:275-6)	Marx, 1977-8 Travailleur collectif/ ouvriers parcelaires / Travailleur collectif / Travailleur collectif (II: 39)	Marx, 1946a El mismo obrero colectivo producto de la combinación de muchos obreros parciales/ obrero colectivo/ obrero colectivo (283)
# 15	Gesamtarbeiters (370)	Collective labourer (349)	Collective worker (469)	Travailleur collectif (890-1)	L'ouvrier collectif (Tome II:248)	travailleur global/(393)	Trabalhador coletivo (276)	Travailleur collectif (II:40)	Obrero coletivo (284)
# 16	Gesamtarbeiters (383)	Collective labourer (361)	Collective worker (483)	Travailleur collectif (905)	L'ouvrier collectif (Tome II:265)	Travailleur global (407)	Trabalhador coletivo (1:284)	Travailleur collectif (II:50)	Obrero colectivo (294)
# 17	Gesamtarbeit der zwei Arbeiter (429- 30)	Total labour of two men (407)	Total labour (531)	Travail total (947)	Travail total (Tome III:60)	Travail global des deux ouvriers (457)	O trabalho global de dois trabalhadores (II:31-2)	Travail total de deux ouvriers (II:90)	Trabajo total (335)

Continua

#18	Marx, 1975 die Zusammensetzung des Gesamtarbeiters oder der kombinierten Arbeitspersonals (485)	Marx, 1979 in the composition of the collective labourer, a change of the persons working in combination (461)	Marx, 1990 The composition of the collective labourer or, in other words, the combined working personnel (590)	Marx, 1968 La composition de travailleur collectif ou du personnel de travail combiné (981)	Marx, 1946 La composition de l'ouvrier collective ou du personnel ouvrier combiné (Tomo III:137)	Marx, 1983a La composition de travailleur collectif repose sur le travailleur global ou sur la combinaison du travail (518)	Marx, 1983, 1985 a composição do trabalhador coletivo ou do pessoal de trabalho combinado (II:71)	Marx, 1977-8 La composition de travailleur collectif ou des personnel de travail combiné (II:141)	Marx, 1946a Composición del obrero total o del personal obrero combinado (385)
#19	Kombinierte Gesamtarbeiter oder gesellschaftliche Arbeitskörper (442)	The collective labourer, or social body of labour (419)	The combined collective labour (544)	Travailleur collectif ou le corps de travail social (952)	L'ouvrier collectif ou le corps de travail social (Tomo III:75)	Le travailleur collectif combiné, le corps social de travail (470)	Trabalhador coletivo combinado ou corpo social de trabalho (II:40)	le travailleur collectif ou Le corps de travail social (II:102)	El obrero total combinado, el cuerpo social del trabajo (347)
#20	Gesamtarbeiters (531)	Collective labourer (508)	Collective labourer (643)	Travailleur collectif (1001)	Ouvrier collectif (Tomo III:195)	Travailleur global (570)	Trabalhador coletivo (II:105)	Travailleur productif (183)	Obrero colectivo (425)
#21	Gesamtarbeitstag (549)	The whole working-day (526)	Whole working-day (663)	Não tem no Rubel	Journée total de travail (220)	La journée de travail globale (589)	Jornada de trabalho total (II:118)	Não há em Roy	Jornada total de trabajo (440)
#22	Gesamtarbeitstags (562)	The whole working-day (539)	The whole working-day (680)	Não tem no Rubel	Le valeur de la force de travail fonctionnant 12 heures (239)	force de travail fonctionnant pendant 12 heures (603)	Jornada total de trabalho (II:130)	Não há em Roy	Jornada total de trabajo (453)